

Todo aluno “fora” da escola

Gisele Palhares

Introdução

A crônica **Todo aluno “fora” da escola** trata de questões educacionais como repetência, evasão, cotidiano escolar, escolha profissional e trabalho infantil. A estória tem como ambiente uma feira, na qual uma cliente trava um diálogo frustrado com o feirante Juca, cujo filho João Lucas é o ícone desta problemática. O garoto sofre discriminação por parte dos colegas de classe, evade-se do ambiente escolar e trabalhando conquista a admiração das clientes do pai. Ironicamente, experimenta o sucesso do reconhecimento social!

Com alguma dose de humor, mas atento à relevância do tema, o texto tenta chamar atenção a estas questões que, não tendo o devido enfoque e tratamento, podem acabar naturalizadas em nosso cotidiano.

Certo dia fui à feira comprar umas coisinhas para fazer uma salada. A feira estava lotada como sempre. A mesma gente, os mesmos tomates esmagados no chão, as mesmas senhoras chorando um descontinho na hora de pagar. Ah, também o mesmo cheiro forte de pastel!

Uma coisa estava diferente. Na barraquinha de abacaxis, ao lado da de pepinos frescos, algo me chamou a atenção. Havia um menino ajudando.

- Oi, seu Juca!- disse uma freguesa. O filhote está ajudando?- perguntou.
- Tá! Esse moleque tem que tomar jeito de feirante, já que lá na escola dizem que nunca vai ser doutor -disse o pai, conformado.
- Mas é bom, né seu Juca! Se a gurizada não gosta da escola, tem mais é que ajudar o pai no trabalho. É de pequeno que se torce o pepino!
- Pepino? É cinquenta centavos o quilo, dona! Pode chegar!- disse a vizinha do feirante.
- Não, obrigada! -disse a cliente. Acho que já vi pepino demais por hoje. -ironiza.
- Pepino?- perguntou seu Juca, sem entender nada.

Assisti a tudo sem opinar. Escolhi um dos abacaxis da banca e depois, quis saber mais sobre o garoto.

Acadêmica do curso de Pedagogia UFSC, 7 fase. Monitora de Orientação Pedagógica do Projeto Brinca Mané-UFSC e Instituto Ayrton Senna

Ponto de Vista, Florianópolis, n. 3/4, p. 197-199, 2002

- Qual seu nome, fofinho? -perguntei.
- O meu? É João Lucas.
- E quantos anos você tem? Você já fez sua lição de casa hoje?
- Não, é... é que eu não tenho lição de casa. Eu saí lá da escola...É que eu sou meio burro e a professora disse que... E eu tenho dez anos.
- Quem disse que você é burro!- exclamei.
- Ah, eu só tiro nota ruim e eu nunca passo de ano! Lá na sala eles até me chamam de tio, porque eu sou o mais velho. É porque eu não passo nunca de ano, tia! Aí eu resolvi...quer dizer, meu pai achou melhor eu vir pra feira com ele. E eu também achei melhor! Pelo menos aqui eu não sou o fracassado!
- E o que você é aqui na feira? -perguntei.
- Ah, aqui as donas acham lindo eu trabalhando com o pai! Elas me acham bem legal por isso! E eu acho bom! Só que às vezes eu canso de...
- De?- perguntei.
- Não... nada não! O pai tá voltando com o troco da tia. Melhor eu falar depois. Senão o pai briga, né?- explicou o garoto.
- Seu Juca! O senhor sabia que meu irmão Flávio vai prestar vestibular? -perguntei.
- É mesmo? E para que?
- Ele quer ser advogado! Não é uma beleza?
- O Flávio não é aquele rapaz que repetia de série e que te deu um trabalhão? -perguntou seu Juca, admirado.
- É ele mesmo! Ele quis até sair da escola. Não passava de jeito nenhum para o segundo grau. Mas eu fui atrás da professora e da diretora para saber dessa estória. Elas disseram que a comunidade estava reclamando muito e que elas iriam fazer uma reunião com o conselho. Elas fizeram lá umas mudanças na escola, nas aulas e o Flavinho melhorou um monte. Disse que vai ser advogado para lutar pelo país e sua igualdade de oportunidades. Que advogado lê muito e fica inteligente. Tomou um gosto, seu Juca! Só vendo!- disse.
- É o abacaxi!- disse seu Juca.
- Nossa, seu Juca! O senhor consegue ver como a evasão é um abacaxi? perguntei. Que ótimo!
- Não! Eu tô dizendo que o abacaxi da senhora está aqui! Quer que descasque? -perguntou o feirante, sem entender minhas “viagens”.
- Não, obrigada!- Despedi-me e saí.
- Meu filho! Essa aí não “bate muito bem!”- disse seu Juca. Atenda, trate direitinho, mas não dá muita confiança não, tá! Acho que tomou sol demais na moleira! KKK KKK KKK (risos).

Todo aluno "fora" da escola

- KKK KKK KKK KKK (risos do menino João Lucas).

No final deste episódio, atravessei a rua da feira, tossi com a fumaça dos carros, dos ônibus que levavam trabalhadores empilhados. Um menino me pediu esmola. Coloquei as compras no carro e liguei o rádio no noticiário.

- "Virgindade de Sandy é problemática nacional".

Indignada, liguei para a rádio e sugeri uma discussão: a evasão e a repetência.

- Ah não, moça! -disse a atendente da rádio. Isso é com a prefeitura! Quer o telefone?-perguntou.
- Não, obrigada! Pode deixar! -disse com tristeza. E desliguei o telefone. Já sei! Vou procurar a rádio comunitária. Quem sabe, né ...-pensei.

Recebido: 19/09/2002

Aprovado: 09/10/2002

Gisele Palhares

Endereço: Av. Marechal Castelo Branco, 261 apto 1102 - tel:241-4989 -Campinas

Cep 88101-020 - São José-SC

E-mail: gisele.alice@bol.com.br

Ponto de Vista, Florianópolis, n. 3/4, p. 197-199, 2002